

FALAS DE QUEM FAZ A CAL

Marluci Menezes | marluci@lneec.pt



DESAFIOS À CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO COM BASE EM CAL

OBSTÁCULOS À CONSERVAÇÃO	ASPECTOS FAVORÁVEIS À CONSERVAÇÃO	CONTRIBUTOS PARA PROMOÇÃO DA CONSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Falta de registo dos elementos e técnicas preexistentes.• Desconhecimento da composição e técnicas envolvidas (de produção da cal, de preparação e aplicação das argamassa, de manutenção).• Perda do conhecimento técnico tradicional.• Exposição à ações destrutivas e de degradação.• Reparação por meio de extração dos elementos antigos.• Substituição dos elementos antigos por modernos, e nem sempre compatíveis com o edifício histórico.• Abandono.	<ul style="list-style-type: none">• Técnicas distintas e elaboradas.• Ação protetora das paredes dos edifícios com maior desempenho que os materiais modernos.• Registo de culturas arquitetónicas e construtivas (património material e imaterial).• Influência a imagem e a paisagem (urbana e rural).• Com maior desempenho que os materiais modernos.• Poder ser compatível com determinados edifícios históricos.• Potencial ecológico, económico e sustentável de salvaguarda e desenvolvimento.	<ul style="list-style-type: none">• Levantamento e registo: das técnicas antigas e tradicionais; dos modos de produção e aplicação; dos materiais e instrumentos empregues.• Restauro orientado pela máxima conservação e mínima intervenção, utilizando materiais compatíveis com a estrutura antiga, e sempre que possível, através da utilização de materiais tradicionais.

ENQUADRAMENTO

Projetos

PRESERVE (2014-2017)

Preservação de revestimentos do património construído com valor cultural: identificação de riscos, contributo do saber tradicional e novos materiais para conservação e proteção | **LNEC**

Fontes | Oral | Literatura

- **SABER-TÉCNICO TRADICIONAL DAS ARTES DA CAL**

DUR-HERITAGE (2014-2017)

Durabilidade e caracterização de materiais com interesse histórico. **LNEC**

Fontes | Oral | Literatura

- **SABER-TÉCNICO TRADICIONAL**
- **UTILIZADORES DE ESTRUTURAS e EDIFÍCIOS HISTÓRICOS**

DB-HERITAGE (2016-2019)

Base de dados de materiais de construção com interesse histórico e patrimonial | **FCT & LNEC**

Fontes | Oral | Literatura

- **SABER-TÉCNICO TRADICIONAL DAS ARTES DA CONSTRUÇÃO**

- Levantamento das técnicas, materiais e instrumentos tradicionais de execução e reparação.
- Estudo das articulações entre conhecimento tradicional e conhecimento científico.
- Estudo do processo social de valorização do património.

- Criação dos fundamentos para a organização e sistematização da informação recolhida numa base de dados de materiais históricos.

O **resgate do saber-fazer tradicional** através do **testemunho dos artesãos** da artes da construção é um importante contributo para:

- A conservação e restauro do património material.
- Uma melhor **articulação** entre **conhecimento tradicional** e **conhecimento científico** no campo da conservação do património.
- O resgate do saber-técnico tradicional dos artesãos como lógica de salvaguarda do **PATRIMÓNIO**.



Fonte: <http://www.masmallorca.es/productos-tipicos/hornos-de-cal-y-caleros-mallorca.html#axzz3mePV3Ty7>



- Apresentar os **contextos sociais, geográficos, materiais e tecnológicos** de algumas “falas” relacionadas com quem **produz a cal (caleiros)**.



“O caleiro é **quem trabalha no forno de cal**. Monta as pedras e trata das lenhas, faz tudo. Antigamente diz que havia uns homens mais entendidos na pedra cozida. (...)”
(mestre José Palma Costa; in Santos, 2012).

Interesse em melhor conhecer as estruturas de produção tradicional da cal e o conhecimento associado

- **Carece** realizar **estudos sistemáticos** sobre **estas estruturas produtivas tradicionais**, a par do conhecimento sobre a existência de vestígios de locais onde funcionaram fornos de cal (Margalha et al, 2008).
- Os **fornos de cal** são “**obras exigentes na sua construção**, e plasticamente interessantes, parecem surpreendentemente **reduzidos os registos a que os fornos da cal deram origem**, sobretudo se compararmos com outras construções não habitacionais, como poços, fontes, fornos domésticos e colectivos, soengas ou até abrigos de pedra”. (Pedro Prista, 2014: 115)
- Mas, observa-se o aumento do interesse pelo conhecimento destas estruturas produtivas, bem como pelos processos tecnológicos envolvidos.
- À semelhança do que se verificou com o interesse científico pelos revestimentos históricos – sobretudo a partir de finais dos anos de 1970, muito embora a defesa pela conservação dos mesmos se enfatize somente a partir de finais dos anos de 1980 (Tavares, 2011),
- na sequência, é a partir da última década do século XX que se verifica um progressivo aumento de interesse académico e científico pelo assunto.

Identificação dos mestres caleiros citados e fonte consultada

Mestre caleiro	Dados de identificação	Local do forno	Fontes consultadas
João Caetano Descalço Galhana	Nascido em 1948 em Trigaches. Aos 30 anos, arrendou um forno na zona e começou a produzir cal. Primeiro alugou o forno e depois comprou , onde laborou sem interrupção entre 1976-1981. Antes, trabalhava na pedreira.	Trigaches, Beja (Alentejo)	Fonte: Menezes, 2015; Menezes & Veiga, 2016 Datas das entrevistas: 01.10.2014 e 27.05.2015.
Jacinto Figueira	Nascido em 1945, começou a trabalhar aos 8 anos de idade. A atividade nos fornos iniciou-se por volta dos seus 30 anos, mas não era a principal. Foi o responsável pelo último forno artesanal de Trigaches e que funcionou até 2002.	Trigaches, Beja (Alentejo)	Fonte: Menezes, 2015; Menezes & Veiga, 2016 Datas das entrevistas: 01.10.2014 e 27.05.2015.
António Manuel Festas	Nascido em 1930. O avô e o pai trabalhavam na laboração da cal.	Barro Branco, Borba (Alentejo)	Fonte: Custódio, 2015 Data da entrevista: 17.12.2014.
António Reis Brito	Nascido em 1948 em Santa Rita. O pai já trabalhava como caleiro.	Santa Rita	Fonte: Custódio, 2015 Data da entrevista: 28.01.2015.
José Palma Costa	Nascido em 1919 e falecido em 2009.	Caliço, Concelho de Vila Real de St.º António (Algarve)	Fonte: Santos, 2008, 2012 Data da entrevista: entre 2007 – 2008.

■ Um saber-fazer assente numa geografia de proximidades

- Os fornos tradicionais de cal costumam, em Portugal, localizarem-se próximos da matéria-prima necessária para a produção da cal: áreas com calcário ou pedra mármore e, por este motivo, estão muitas vezes próximos de pedreiras.
- Observa-se, assim, a concentração de fornos artesanais próximo de afloramentos de rochas carbonatadas, de que são exemplos os mármore de Estremoz, os calcários do barrocal algarvio e os mármore de Trigaches, onde:

“(...) Por um lado os caleiros aproveitavam as pedras pequenas já arrancadas do solo, por outro, os encarregados das pedreiras livravam-se dos restos sem valor comercial”

(cf. Custódio, 2015, a partir das “falas” dos mestres António M. Festas e Jacinto Figueira).

■ Um saber-fazer assente numa geografia de proximidades

- Todavia, o sítio de localização dos fornos possam também aparecer em lugares não necessariamente próximos dos afloramentos rochosos calcários, como é o caso dos fornos do baixo Guadiana, localizados ao longo da margem do rio (Custódio, 2015), mas com **acesso facilitado à lenha para a combustão**:

“Também fazíamos estes fornos onde é que estava a lenha mais próxima, nem sempre se fazia o forno mesmo ao pé do lugar da pedra de cal. Também não faziam perto da aldeia. Nós íamos buscar as pedras nas pedreiras e as pessoas depois iam lá buscar a cal, em carros carregados” (mestre José Palma Costa).

“O forno era um buraco. O forno era feito ao pé da lenha porque a lenha dava mais trabalho a acatar. Dava mais trabalho que a pedra. A pedra vinha em carros, haviam tabins por onde os carros passavam, e a lenha apanhava-se no mato, à volta, trazida às costas. (...)” (mestre José Palma Costa).

■ Um saber-fazer assente numa geografia de proximidades

- Os fornos costumam ser explorações familiares, com situações em que a sua exploração é feita por uma mesma família durante várias gerações.
- Noutras vezes, os fornos eram arrendados.
- A família e, em alguns outros casos, os mestres locais, são os principais elos de transmissão do conhecimento tradicional.

"Esteve aqui o meu avô ... ele morreu com 89 anos, se eu não estou em erro, depois estive o meu pai, que morreu com 92. Naquela altura já se cozia aqui a cal ... e por aqui tinham passado também outros. O forno já ... estava abandonado, e depois a gente é que o foi amanhando aí ..." (mestre António M. Festas).

"(...) No princípio, quando era moço, ainda não tinha conhecimento, não sabia fazer o serviço. Havia dois homens que coziavam e havia um a juntar, a acartar a lenha para o pé do forno, para eles queimarem. E houve vezes, era eu moço e levava um preço para andar lá a ajudar, e eu ia porque ganhavam os dias, a noite contava como um dia. Aprendi com essas pessoas. Vi como elas faziam e depois fui aprendendo. Não foi o meu pai que me ensinou. O meu pai era bagoão. Fazia carros, fazia arados, fazia carroças, antigamente. Trabalhava com madeira. Eu nunca cheguei a fazer isso" (mestre José Palma Costa).

■ Um saber-fazer assente numa geografia de proximidades

- Os fornos costumam ser explorações familiares, com situações em que a sua exploração é feita por uma mesma família durante várias gerações.
- Noutras vezes, os fornos eram arrendados.
- A família e, em alguns outros casos, os mestres locais, são os principais elos de transmissão do conhecimento tradicional.

"Esteve aqui o meu avô ... ele morreu com 89 anos, se eu não estou em erro, depois estive o meu pai, que morreu com 92. Naquela altura já se cozia aqui a cal ... e por aqui tinham passado também outros. O forno já ... estava abandonado, e depois a gente é que o foi amanhando aí ..." (mestre António M. Festas).

"(...) No princípio, quando era moço, ainda não tinha conhecimento, não sabia fazer o serviço. Havia dois homens que coziavam e havia um a juntar, a acartar a lenha para o pé do forno, para eles queimarem. E houve vezes, era eu moço e levava um preço para andar lá a ajudar, e eu ia porque ganhavam os dias, a noite contava como um dia. Aprendi com essas pessoas. Vi como elas faziam e depois fui aprendendo. Não foi o meu pai que me ensinou. O meu pai era bagoão. Fazia carros, fazia arados, fazia carroças, antigamente. Trabalhava com madeira. Eu nunca cheguei a fazer isso" (mestre José Palma Costa).



A origem da “cal” ...

“(...) Os homens descobriram a cal quando, ao fazerem uma fogueira cercada de pedras calcárias, se aperceberam que a rocha original, quando exposta às elevadas temperaturas do fogo, se transformava noutra material”

” (cf. mestre António Reis; in Custódio, 2015).

- Um conhecimento realizado a partir de vínculos de proximidade dos materiais, da geografia e sociedade local.
- Um saber-fazer tácito e aprendido através da vivência.

“(...) coisas que se iam aprendendo” (mestre Jacinto Figueira)

“conhece-se ... eu conheço, há pessoas que não conhecem ... é a experiência” (mestre António Reis Brito).

- Esta experiência técnica adquirida de modo tácito e vivido é ainda e, por exemplo, evidenciada em duas das questões que Paulo Custódio (2015) faz ao mestre António Reis Brito, nomeadamente:
- Custódio: Qual é, aproximadamente, o diâmetro do poço do forno?
 - Mestre: “Isso não sei ... nem vale à pena pensar (...).»
 - Custódio: Existe alguma relação entre o diâmetro e a profundidade do poço do forno?
 - Mestre: “Exatamente, tem de ser uma coisa combinada uma com a outra. Tem de ser a fundura com a altura, mais ou menos o mesmo ... mas isso tens de medir. Tem de ser aquela altura com aquela largura”.

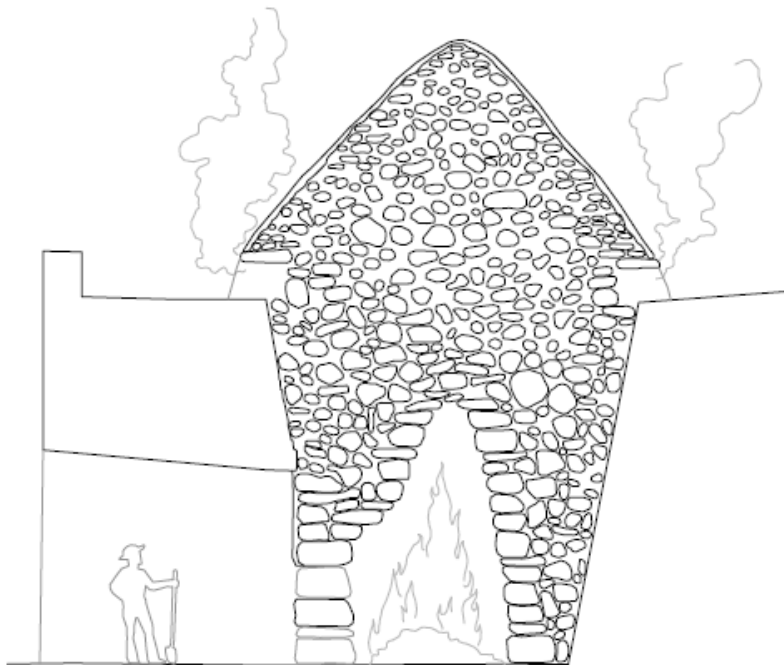
Na busca pelo saber ...

- Enquanto o **conhecimento académico e científico**, opera com unidades conceituais e realiza a análise de um todo a partir das suas partes;
- O **conhecimento tradicional**, representado pelas respostas do mestre, opera com percepções e qualidades segundas (cheiros, cores, sabores, impressões visuais etc.), combina a parte e o todo, é tácito e realiza-se a partir de uma experiência que articula a geografia e a cultura local.

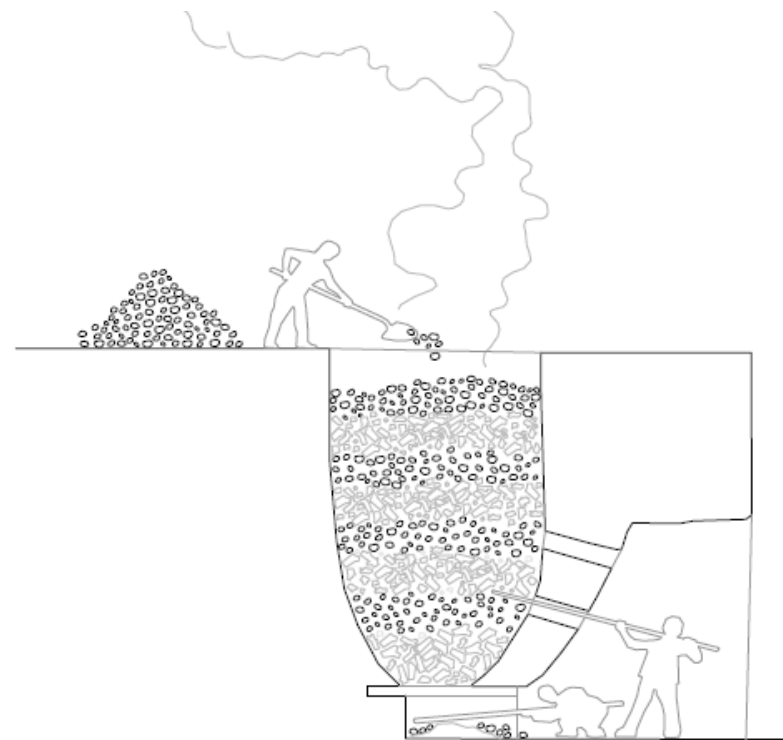
- Os fornos de cal costumam ser estruturas semi-enterradas e cilíndricas, em alvenaria de pedra resistente ao calor.
- Ao meio é colocada a pedra que, após o cozimento, fornece a cal branca e a cal preta ou parda.

“(...) [o forno] é alvenaria de pedra com barro, mas a pedra é diferente, é da zona de Beringel, é dessa pedra escura com que fazem os paralelos da calçada ... não é mármore, se fosse feito de mármore desfazia-se, cozia e se desfazia Há uma britadeira ao pé de Ferreira, quando se vai de Beringel para Ferreira, que também utiliza essa pedra escura ...” (mestre Jacinto Figueira).

- Os dois processos de produção da cal dão lugar a duas distintas tipologias de fornos – laboração intermitente e com o lume na base; laboração contínua ou forno de empilhamento.
- Os mestres caleiros aqui citados sobretudo trabalharam em fornos de laboração intermitente.



Forno de cal de laboração intermitente - Focea (Turquia). (ADAM, 1996, p.72)



Forno de cal de laboração contínua - praia de Heddon's Mouth (sul de Inglaterra). (TRUST, 2014)

Conforme referido por **Paulo Custódio**, no âmbito da preparação da sua tese de mestrado em Arquitetura pela Universidade de Évora, intitulado-se o trabalho: **“Os Fornos de Cal do Baixo Guadiana: Contributo para um estudo Arquitectónico”** (em fase final de conclusão).

“Formar, cozer, tirar a cal”

Mestre Jacinto Figueira

- Com o início do processo de laboração é importante garantir que o forno funcione de forma contínua, num processo lento e compassado ...
- ✓ a pedra calcária transforma-se em cal viva a partir de um processo de transformação que é assegurado pela manutenção de uma temperatura constante entre os 800°C e os 1000°C.

“O forno tem de funcionar continuamente, senão arrefece, daí tinham que estar aqui durante o período de cozimento.”

“Se não houvesse vinho para dar a disposição, não vinham fazer ...”

...Faziam turnos, dormiam debaixo de qualquer árvore e depois vinham fazer ...”

(mestre Jacinto Figueira).

“A cozedura durava horas, era conforme o tamanho do forno. Leva ali gente a trabalhar dias seguidos, para as pedras cozerem todas. E tem que ser um fogo especial! Tem que ser rijo, tem que ser um fogo que não pode parar. Tem que ser um fogo que vai sempre aumentando, cozendo, só com o calor do fogo” (mestre José Palma Costa).

Montagem do forno

Mestre Jacinto Figueira:

“1º linha pedra / 2º vai havendo inclinação até chegar ao cimo para fazer ficar segura a abóboda. Vai sendo tudo para ficar maciço”.

“O buraco do forno tem em torno de 2 metros de profundidade.”

“O buraco em baixo é terra batida”.

“Abrem-se três buracos em simultâneo, juntamente com os olhais em volta. Depois, quando ardem os andaimes que a gente mete no forno para segurar a pedra, tapa-se a coroa” .

“(…) depois de tudo feito mete-se uma camada de pedra, (...) metia-se palha para o mato não tocar a cal. Depois uma camada de palha, uns 10 cm, para o barro não ficar em contato com a pedra e não colar”. / “Há assim um declive para as pedras não ficarem agarradas às paredes do forno. Só um tipo artista fazia essa inclinação (...)”.

Mestre António Manuel Festas:

“Primeiro a cúpula, depois põe-se o carrego, depois uma pouca de pedra desta, preta de olho de mocho. E depois leva um pouco de pasto ou palha, em cima, e depois leva o barro. Porque se vai a ficar o barro em cima da pedra, aquela que apanha o barro já não coze, fica crua.”

“Aquilo, mais ou menos, dava aí 700 arrobas de pedra cozida”.

Mestre António Reis Brito:

“ (...) em princípio, o cintel é pequenino, são mais ou menos do comprimento do cintel e depois, conforme se vai alargando para dentro, vão aumentando de tamanho... eu cheguei a pôr pedras de 50, 60 cm. E ali ao meio eram daquelas redondas, que depois de fechado pode-se pôr qualquer pedra, coze tudo”.

Partes do forno

Coroa:

“(…) buraco em volta do barro que fecha-se quando a lenha começa a arder. Com o calor vai abrindo gretas, e a medida que iam abrindo gretas, ia-se tapando” (mestre Jacinto Figueira).

Capelo:

“(…) para tapar o forno Buraco do capelo ... 1 metro e uns 20 cm, é bem maior do que os olhais”. / “(…) pedra da parte de cima, mas que não ficava à vista, tapava-se com palha e depois barro, fazia-se os olhais para sair o fumo” (mestre Jacinto Figueira).

Lintel:

[à volta do forno era feito com a mesma pedra da parede do forno] “(…) era da mesma raça e tinha 40-45 cm, mas 5 cm mais, menos 5 cm de altura ... Em volta do forno como uma coroa (mais ou menos = 40 cm). De um lintel à outro no forno grande, mais ou menos 2 metros, depois ia fechando para cima”. / “(…) cá acima quando fecha, redondinho, redondinho mesmo nunca fica” (mestre Jacinto Figueira).

Olhais:

“(…) para o forno respirar ... as vigias são os olhais maiores”. Têm mais ou menos 10 cm de diâmetro, os dois de cima são maiores, mais ou menos uns 20 cm, “um fica em frente à porta e o outro do lado contrário. 8-10 olhais, dependendo do tamanho do forno: Forno pequeno: 8 olhais, 2 eram maiores, 6 em baixo: um do lado da porta e o outro do lado contrário”. (mestre Jacinto Figueira)

Porta do forno:

“(…) com um lintel, 2 pilares e uma vigia para tapar a porta mais pequenina (...).” (mestre Jacinto Figueira)

■ MONTAGEM DO FORNO

Obtém-se ainda informação sobre:

- As ferramentas;
- Os materiais utilizados, desde os tipos de lenha às pedras utilizadas, e a melhor forma de arranjo das mesmas em função da sua qualidade e do uso que será dado as mesmas;
- Processo de laboração;
- Processo de desmonte do forno;
- Formas de armazenamento da cal;
- Tipos e usos dados a cal;
- Formas e modos de escoamento da cal.



Uma tradição em desaparecimento?

- Para a produção artesanal de cal é necessário **muito esforço físico**, estando a propriedade dos fornos normalmente associada à uma pessoa idosa, entretanto nem sempre apoiada pelos mais novos.

“ (...) Acho bem os filhos não terem seguido o ofício. Trabalhando como eu trabalhava, por minha conta, tinha que ser uma coisa pegada, não tinha férias, não tinha dias feriados, não tinha nada ...” (mestre João Galhana).

“Comecei a trabalhar já na barriga da minha mãe.”

“Para além do forno da cal, trabalhava no que aparecia, trabalhava-se na pedreira”

“ ... dormia-se com um pé no forno”

(mestre Jacinto Figueira).

“Era um trabalho muito duro, mãe! Estou-lhe a contar, mas só quem passou é que sabe .”

“(...) Ficávamos com feridas nas mãos, muitas e finas, depois de muito mexer nas pedras para as por bem (...) Com as feridas íamos mexer na cal. Era um trabalho muito ingrato.”

(mestre José Palma Costa).

- Aspectos que, associados à concorrência dos produtos industriais, contribuíram para o desaparecimento gradual, em território nacional, da cal feita em forno tradicional.

“Antigamente as pessoas aqui em Trigaches trabalhavam todas na cal, a partir a pedra, outras na lenha, outras a vender, outros nos fornos ...”, agora: “ ... é a moda, mais moderno agora, é as tintas e pronto”

(mestre João Galhana).

“As pessoas fazem as casas de maneira sempre igual. As pessoas passaram a fazer as casas em blocos de cimento. Antes faziam os blocos com cal, faziam-se muitos blocos assim deste tamanho, em cal, levava brita, levava casca de berbigão, casca de marisco. E fazia-se com uma forma. Os adobes era para fazer casas. E depois passaram a fazer de cimento (...)”

(mestre José Palma Costa).

Uma tradição em desaparecimento?

- Aspectos que, associados à concorrência dos produtos industriais, contribuíram para o desaparecimento gradual, em território nacional, da cal feita em forno tradicional.

“(...) as pessoas já se habituaram à tinta. Os pedreiros já se sabe, gastam dessa industrial, e as velhotas que caiavam as casas vão desaparecendo ...” (mestre Jacinto Figueira).

- Mas, à par da concorrência feita à cal pelos produtos industriais, os mestres caleiros consideram ...

“O reboco feito com a cal é mais prático, seca mais rápido (...) . O reboco não se torna tão húmido, e um reboco feito com cimento estala por todo o lado” (mestre Jacinto Figueira).

“Se você pintar o seu quarto com tinta, à noite pode lá dormir? Se for caiado com cal, pode. E sente-se bem porque a cal é saudável” (mestre João Galhana).

“Se eles me comprassem a cal, eu cozia, agora cozer para deitar fora não vale à pena. Eu já estou velho, mas ainda fazia isso e fazia mais depressa para as mulheres aí dos moços virem a ver [professoras com turmas de alunos], não sabem nada ... eu digo, mas eles não sabem” (mestre

António Reis Brito).

- Esta reflexão é apenas um dos passos de um processo de investigação que se pretende mais amplo em termos da:
 - ✓ Recolha oral do saber-fazer associado às atividades da cal;
 - ✓ Organização e sistematização desta informação numa base de dados sobre materiais históricos;
 - ✓ Discussão sobre os potenciais contributos de uma maior articulação entre conhecimento científico e tradicional no campo da conservação do património;
 - ✓ Interdisciplinaridade, para melhor explorar e aprofundar os significados técnicos e materiais expressos nos registos etnográficos do saber-tradicional, entre outros aspectos.
- Salienta-se ainda a importância em continuar-se a investir em estudos conforme desenvolvidos por jovens investigadores, como é o caso de Custódio (2015) e Santos (2008, 2012).

■ NOTAS FINAIS

- Os aspectos da tecnologia tradicional aqui referidos e mesmo o discurso feito a respeito, é um património de conhecimento essencial para o campo da conservação.
- Provavelmente um sentido e mesmo significado mais antigo dos usos da cal tradicional e artesanal estejam em desaparecimento, do qual são reflexos a diminuição da sua produção e a desativação de muitos dos fornos até então existentes.
- Mas, a tradição não deve ser compreendida como algo do passado que, como tal, é estático.
- A tradição é dinâmica, se transforma, introduz novos elementos e atualiza-se constantemente, assim como se verifica com o saber-fazer tradicional.
- Ao ter em consideração o campo do património, verifica-se que são muitas as possibilidades de uso e aplicação da cal tradicional e artesanal na conservação e restauro do património arquitetónico, sendo que muito se faz por explorar.
- Mas é também no campo da conservação do património que emerge o interesse em salvaguardar o saber-fazer tradicional relacionado com as artes da cal como património imaterial.

Bibliografia

- Custódio, Paulo (2015). *Os fornos de cal do Baixo Guadiana: contributo para um estudo arquitectónico*. Évora: Escola de Artes do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora (tese de mestrado – versão anterior à defesa).
- Margalha, M. G.; Appleton, J.; Carvalho, F.; Veiga, R.; Silva, A. S.; Brito, J. (2008). Traditional lime kilns - Industry or archaeology? In *Proceedings Historical Mortars Conference – HMC08*, 24-27 september. Lisboa: LNEC.
- Menezes, M. (2015). *Histórias da cal: o que contam os caleiros acerca da produção da cal artesanal*. Conferência Património Industrial: Tradição, Inovação, Conservação, JEP, 25 de setembro 2015. Lisboa: LNEC (apresentação ppt.).
- Menezes, M.; Tavares, M. L. (2008) Social and sustainable development of the architectural heritage, *Proceedings of the 1st Historical Mortars Conference*, 24-26 setembro 2008. LNEC: Lisboa.
- Menezes, M.; Tavares, M. L.; Veiga, M. R. (2012). Os revestimentos exteriores dos edifícios históricos como parte da imagem da cidade: desafios socio-ambientais à sua conservação. In: Romero, Marta A. B.; Souza, L. C. L; Silva, A. N.; Rodrigues, D. S.; Ramos, R. A. R.; Trevisan, R.; Pescatori, C. (org.), *Reabilitar o Urbano*: Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UNB), pp. 147-162.
- Menezes, M.; Tavares; M. *Técnicas Tradicionais de Revestimentos Históricos Exteriores – Guião das entrevistas com artífices sobre as técnicas tradicionais de revestimento em cal*. REL 31/2012 - DED-NESO, Lisboa: LNEC.
- Menezes, M.; Veiga, M. R. (2014). Conhecimento científico e tradicional: que articulações possíveis no campo da conservação do património cultural? In *Livro de Atas do Congresso Internacional “De Viollet-le-Duc à Carta de Veneza – Teoria do Restauro no Espaço Ibero-Americano*. Lisboa: LNEC, pp. 177-184.
- Menezes, M.; Veiga, M. R. (2016). *Técnicas Tradicionais de Revestimentos – Relato de entrevistas com artífices caleiros sobre a produção de cal*. REL 223/2012 - DED-NESO/NRI, Lisboa: LNEC. (no prelo)
- Prista, Pedro (2014). *Terra, Palha e Cal: Ensaio de Antropologia de Construção Vernacular em Portugal*. Argumentum: Lisboa.
- Santos, Marta (2008). Argamassas e Revestimentos. In: *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional – Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. Porto: Edições Afrontamento. pp. 104-117.
- Santos, Marta (2008). Fornos de Cal. In: *Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional – Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra do Caldeirão*. Porto: Edições Afrontamento. pp. 178-183.
- Santos, Marta (2012). *As superfícies arquitectónicas da Região do algarve: Contributos para a salvaguarda dos revestimentos tradicionais*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura – UTL (tese de mestrado).
- Tavares, M. L. (2011). *A conservação e o restauro de revestimentos por pinturas exteriores de edifícios antigos – uma metodologia de estudo e reparação*. Teses e Programas de Investigação, TPI 67. Lisboa: LNEC.